NOSSO ETERNO PURGATÓRIO

Adriano de Paula Rabelo*

AGUIAR, Flávio. *A palavra no purgatório: literatura e cultura nos anos 70*. São Paulo, Boitempo Editorial, 1997, 232 págs..

Até recentemente, era raro o procedimento de se editar em livro contribuições jornalísticas significativas. Por isso, análises e interpretações de determinados períodos históricos realizadas no calor da hora ficavam relegadas ao pó e às traças dos muitas vezes desorganizados arquivos brasileiros. Condenadas, portanto, ao esquecimento de muitos e ao desconhecimento das gerações posteriores.

Houve um momento em que os editores despertaram para esse tipo de publicação, talvez de olho na massa de leitores e simpatizantes de certos periódicos, potenciais consumidores desses livros. A jogada editorial parece ter dado certo comercialmente, pois, não demorou muito, uma cambulhada de títulos no gênero foi lançada no mercado, a maioria de má qualidade, tentando satisfazer a pretensão vaidosa a homens de letras acalentada por muitos dos nossos articulistas de jornal.

Este não é o caso de *A palavra no purgatório: literatura e cultura nos anos 70*, coletânea de resenhas e críticas publicadas por Flávio Aguiar especialmente ao longo da década em que se processou a derrocada do último regime ditatorial brasileiro. Trata-se de um livro necessário, tendo em vista principalmente a escassez de material bibliográfico organizado que permita uma avaliação do que representaram aqueles anos na e para a cultura brasileira.

Cobrindo um período de cerca de quinze anos de militância intelectual do autor na imprensa chamada alternativa — os marcos temporais dessa militância vão do limiar do AI-5 ao limiar da redemocratização —, os textos selecionados “fazem parte de um ciclo de resistência que marcou nossa produção cultural como um todo”, conforme Flávio ressalta na “Apresentação”.

Cinco partes compõem o livro, segundo o critério do veículo em que os mesmos vieram a público. A primeira, intitulada “Tempos de estudante”, constitui-se de duas análises escritas na época em que o autor realizava sua graduação universitária em sua cidade natal, Porto Alegre. Sairam impressas em jornais da capi-

* Mestrando em Literatura Brasileira pela FFLCH/USP, dispondo de financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo para o desenvolvimento de seus trabalhos na pós-graduação.

tal gaúcha. No "Sumário", Flávio Aguiar assinala esse período de sua trajetória como "mais voltado à arte".

Veio o golpe dentro do golpe em 13 de dezembro de 1968 e os longos e sinistros anos de terror de Estado que se lhe seguiram. O inferno era impingido à nação brasileira, reservando-se à palavra um dos círculos de penas mais violentas. A segunda parte, voltada exclusivamente à literatura editada em torno de 1974, traz uma série de quinze críticas a lançamentos de então, publicadas no finado jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer, no ano em que o governo Geisel anunciava a célebre "distensão lenta, gradual e segura". Reinaugurava-se rigoroso purgatório para todos os justos. Nesta "fase mais irônica", conforme classificação do próprio autor, sua atuação na imprensa se voltou para o enfoque de obras cujos temas e realizações formais diziam muito sobre aquele momento histórico e eram fruto dele, como a *overdose* de traição em *Calabar*, a atualidade desconcertante do vampirismo, a onda "neobrutalista" que inundava de sangue boa parte da literatura de então, o minimalismo ou o transbordamento verbal da poesia represada em tempos de silêncio compulsório, a normalidade e mesmo banalidade do absurdo.

O espírito de resistência, no entanto, se torna mais evidente na terceira parte, reunião de vinte e três artigos publicados em *Movimento*, um dos órgãos de imprensa mais identificados com a oposição à ditadura, tendo sido, por isso, vítima constante da Censura e, pior, da autocensura. Escrevendo sob os auspícios daquela abjeta instituição, Flávio Aguiar desenvolve "um estilo mais alusivo do que sugestivo, e seguramente muito pouco conclusivo". Passa em revista a produção literária de meados de 1975 a princípios de 1977 e analisa problemas culturais então em voga. Sem os preconceitos já clássicos do meio acadêmico, o autor trata de obras e autores consagrados, como García Márquez, Érico Veríssimo, Pablo Neruda e Ferreira Gullar; dos novos [1976] Ivan Ângelo, Jair Vitoria, Abel Silva, Sérgio Machado; da política cultural do governo Geisel; da suspensão, pela Censura, da novela televisiva *Roque Santeiro*; das últimas astúcias do detetive Hercule Poirot e do fenômeno editorial Agatha Christie; dos problemas relacionados à linguagem como um dos principais elementos de distinção de classe, numa reflexão a propósito das aberrações encontradas nas redações de vestibulandos. Como se vê, é amplo o ângulo de visão do crítico, sem prejuízo da síntese necessária para se dispor da melhor forma do reduzido espaço na página de jornal.

A quarta parte, intitulada "Daqui, dali...", traz colaborações diversificadas para periódicos diversos, cobrindo de modo esparsa o transcurso de uma década, 1973 a 1983. Nesta fase marcada pelo completo malogro do regime militar, Flávio segue dando asas a seu extenso *background* cultural, abordando temas tão distintos quanto a música e a letra da canção "Os argonautas" (de Caetano Veloso), a incipiente abertura do Brasil para uma série de grandes autores hispano-americanos, o relacionamento histórico entre capitalismo e vampirismo, o painel do Brasil for-

mado por três seriados de televisão de sucesso em 1979, a produção poética da província canadense do Québec, a velha discussão do nacional-popular entre nós.

O livro é finalizado com um verdadeiro brinde ao final da ditadura: a brilhante comunicação "Página da Vida: a morte de Tancredo Neves vista pela mídia", instigante análise da primeira página do jornal *Folha de S. Paulo* do dia 27 de março de 1985, quando o presidente eleito pelo colégio eleitoral, prestes a assumir o posto principal da República, foi transferido já moribundo de Brasília para São Paulo. Com bastante argúcia, o autor aproxima o drama de Tancredo e da nação, como expresso na página estudada, do drama da Paixão de Cristo, interpretando assim o seu impacto emotivo.

A trajetória de Flávio Aguiar na imprensa alternativa pode ser lida como representativa da trajetória da parte pensante da "geração de 68". No purgatório dos anos 70, os integrantes dessa muito digna facção, inseridos no império da brutalidade, esforçaram-se por resistir à obscuridade truculenta com as armas alegres do humor, da ironia. Era a mordada gerando a mordacidade.

Hoje, quando praticamente já não há imprensa alternativa, quando o jornalismo se tornou caixa de ressonância das grandes agências noticiosas, aquela imprensa paralela e mais livre, aquele espírito crítico e aquela práxis de resistência humanista contra a barbárie têm muito a dizer a um tempo tão pleno de telebanalidades, intertontos e neoliberalóides como o nosso.